

# EM MEMÓRIA DE ANA LUÍSA RODRIGUES DE FREITAS (1846-1919)

MARIA MANUELA GOUVEIA DELILLE  
(Faculdade de Letras da U. de Coimbra)

A minha comunicação pretende homenagear uma figura feminina praticamente esquecida, deixada na sombra, como tantas outras mulheres de tempos passados que se circunscreveram à esfera privada, nunca chegando a desempenhar qualquer função pública. Conforme o próprio título já indica, refiro-me à segunda mulher de Rodrigues de Freitas, Ana Luísa Altmann Rodrigues de Freitas, uma senhora originariamente de nacionalidade austríaca (nascida em Viena de Áustria), de cuja notável actividade como professora particular de línguas e literaturas modernas obtive conhecimento através de textos evocativos da autoria de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, sua amiga íntima, e de Maria Henriques Osswald, a sua discípula predilecta.

Começarei pelos escritos michaëlianos e, para melhor os contextualizar, farei um breve preâmbulo sobre as relações existentes entre a célebre lusitana e o casal Rodrigues de Freitas.

Como é geralmente conhecido, Carolina Michaëlis, logo desde os primeiros anos de estada no Porto, cidade onde se fixa em 1876 pelo casamento com o historiador de arte Joaquim de Vasconcelos, soube muito bem integrar-se no meio cultural, literário e artístico da capital do Norte, meio esse a que o marido naturalmente pertencia e ao qual ela vem a pertencer por direito e mérito próprio. Mulher culta, de grande inteligência e curiosidade intelectual, Carolina Michaëlis de Vasconcelos nunca se limitou aos seus trabalhos eruditos no campo da filologia portuguesa (que lhe viriam a trazer, num espaço de tempo relativamente breve, renome internacional), mas desde muito cedo a vemos relacionar-se com personalidades de relevo nos mais diversos sectores de actividade — professores, médicos, comerciantes, políticos, historiadores, escritores, jornalistas, muitos dos quais recebia na sua própria casa (Antero de Quental, Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Oliveira Martins, Sampaio Bruno, os médicos Moreira Baptista, Ricardo Jorge, os historiadores Duarte Leite e Cláudio Basto são alguns nomes da longa série que poderia aqui citar). Através de uma colaboração assídua nos grandes jornais diários e em revistas dedicadas à instrução e educação, do apoio dado a várias associações cívicas e culturais portuenses, da escrita de numerosos prefácios que acompanham as obras de conhecidos

e amigos, procurou sempre participar activamente — e para uma mulher, ainda para mais estrangeira, não era fácil ao tempo fazê-lo — na vida da cidade e assim contribuir para o seu progresso moral e intelectual. Nos seus escritos sobre questões de ensino constantemente compara a cultura e educação da Alemanha com a do país que veio habitar, esforçando-se por transmitir aqueles aspectos que lhe parecem representar formas de vida mais avançadas, mais justas e adequadas ao desenvolvimento harmonioso do ser humano.

Dadas as relações de amizade existentes entre Joaquim de Vasconcelos e José Joaquim Rodrigues de Freitas, é muito natural que Carolina, particularmente interessada nos problemas de educação, logo desde os primeiros anos de estada no Porto tivesse travado conhecimento com um político e professor que tanto se empenhava no debate público sobre essa matéria <sup>1</sup>. Efectivamente, lendo os escritos de Rodrigues de Freitas e de Carolina Michaelis de finais da década de 70 relativos, por exemplo, à educação infantil, nota-se uma grande sintonia, quando não uma convergência total de pontos de vista, no que toca à defesa empenhada do jardim de infância (*Kindergarten*) segundo o modelo do grande pedagogo alemão Fröbel e à necessidade de apoiar o método João de Deus nas escolas primárias <sup>2</sup>. Aliás, tanto o casal Vasconcelos como Rodrigues de Freitas pertenceram à *Sociedade de Instrução do Porto*, fundada em Fevereiro de 1880: Rodrigues de Freitas ocupava o cargo de vice-presidente, Joaquim de Vasconcelos o de secretário-geral e Carolina Michaëlis é eleita sócia emérita no próprio ano da fundação <sup>3</sup>. No âmbito da referida Sociedade foram eles, em 1882, os principais impulsionadores (e organizadores) das festas comemorativas do centenário de Fröbel, e Carolina deve muito presumivelmente ter sido a redactora de grande parte de um longo relatório intitulado *Proposta de um Jardim da Infância*, que o presidente da Sociedade apresentou nessa mesma altura à Junta Geral do Distrito, relatório no qual se encontra uma pormenorizada descrição do modelo fröbeliano <sup>4</sup>, à semelhança do que podemos ler nos escritos de Rodrigues de Freitas da mesma época sobre o célebre pedagogo <sup>5</sup>. É muito possível que Rodrigues de Freitas já nessa altura dominasse bem o alemão, pois consta que em inícios da década de 70 terá tido lições particulares com Anna Louise Altmann, uma jovem austríaca recém-chegada ao Porto, à qual se vem a ligar em segundas núpcias. As crescentes e aprofundadas leituras de economistas, filósofos, pensadores e poetas alemães por parte de Rodrigues de Freitas não foram com certeza alheias ao convívio estreito que ele e a mulher mantiveram, desde 1876, com a família Vasconcelos e explicam que Carolina, no conhecido preâmbulo de *Páginas Avulsas*, considere o autor daqueles escritos “um dos pensadores mais germanizados de que esta pequena nesga do mundo latino se pode jactar”; em reforço desta afirmação, declara ter Rodrigues de Freitas

estudado “sobretudo os então actuais sistemas dos pessimistas Schopenhauer e Hartmann, a filosofia do desespero, de Bahnsen, e a da redenção, de Mainländer”; e logo em seguida, sublinhando como traços comuns a vida exemplar e o idealismo, aponta Schiller, o poeta germânico preferido de Rodrigues de Freitas, como “o pensador que lhe era mais congenial”<sup>6</sup>; em carta a Alfredo Pimenta, de 27 de Dezembro de 1905, Carolina Michaëlis refere ainda Max Stirner como autor lido e estudado por Rodrigues de Freitas<sup>7</sup>; nas páginas que Sampaio Bruno dedica ao ilustre publicista realça-se também o facto de Rodrigues de Freitas, pelo seu conhecimento directo da linguagem, ter manuseado nos originais “os documentos da profunda cerebração do germanismo contemporâneo”, e menciona-se especialmente a impressão que no seu espírito terá provocado a obra de Karl Marx, *Das Kapital*<sup>8</sup>. Aliás, para além destes testemunhos alheios, encontram-se nos próprios textos de Rodrigues de Freitas inúmeros sinais de leitura de obras alemãs, nomeadamente as que cita ou comenta no compêndio *Princípios de Economia Política*<sup>9</sup> ou as numerosas remissões para economistas, filósofos e pensadores alemães em muitos artigos das antologias *Páginas Avulsas* (1906) e *Novas Páginas Avulsas* (1996).

É ainda no preâmbulo acima referido, datado de 1906, que Carolina Michaëlis, apresentando-se como “um dos poucos que tiveram a ventura de serem admitidos na intimidade do seu lar”, declara ter assistido, durante quatro lustros, “ao convívio afectuosíssimo com a amada companheira que ele não desdenhou chamar a sua “inspiradora” e venerava e consultava com inteira franqueza, como um amigo sincero consulta e venera o camarada leal e bem-querido”. É confessa ainda que durante esse longo período “pôde seguir a evolução das ideias e dos ideais de ambos, através de transes dolorosos da vida pessoal e das tão variadas vicissitudes da pátria portuguesa, — porque ouviu em conversas não-contadas sobre coisas eternas e passageiras, e leu em admiráveis cartas à esposa e em papéis particulares, não destinados à publicidade, meditações e discussões sobre os grandes enigmas universais, apreciações estéticas, planos de curiosíssimos trabalhos futuros”<sup>10</sup>.

Até agora têm sido baldados os meus esforços no sentido de detectar o paradeiro do espólio acima referido. Não quero, porém, deixar aqui de referir o interesse e a importância que a leitura de tais cartas e papéis particulares teriam(ou poderão vir a ter) para o traçado de um retrato mais preciso de Rodrigues de Freitas e da mulher que o acompanhou em grande parte da sua vida como professor, político e publicista.

Perante a documentação escassa de que se dispõe, pareceram-me curiosos, e dignos de ser aqui mencionados, tanto o prefácio que Carolina Michaëlis escreve, em 1906, para a 3ª edição (corrigida e muito aumentada por Ana Luísa Rodrigues de Freitas e Luísa Ey) da *Gramática Alemã* de

Otto/Prévot, como um artigo sobre Ana Luísa de Freitas que a mesma Carolina publica, a 15 de Abril de 1911, na primeira página de *O Primeiro de Janeiro*. No referido prefácio, depois de realçar a preferência de que o ensino particular gozava no nosso país, Carolina Michaëlis louva nos seguintes termos o saber e qualidades pedagógicas das duas revisoras da citada gramática, as quais apresenta como tendo longa experiência na leccionação da língua alemã: “No Porto, importante centro de comércio, onde o ensino das línguas vivas se tem desenvolvido poderosamente no último quarto do século XIX, foram principalmente as duas professoras, de origem alemã, cujos nomes figuram no frontispício, ambas afamadas tanto pela seriedade e consciência do seu proceder como pela sua vasta instrução e raro talento profissional, que se serviram durante um decénio da *Gramática Alemã*, habilitando discípulos de ambos os sexos a falar e a escrever correctamente a língua de Goethe e Schiller, e a estudarem com vivo interesse as obras-primas da literatura germânica. Aqueles e aquelas que, viajando em seguida, tiveram ocasião de aplicar o saber adquirido, recolheram em toda a parte elogios não só pela sua boa pronúncia e correcção gramatical da sua linguagem, mas também pela variada colheita de noções sobre assuntos gerais e nacionais de que deram provas, e ainda pela letra fluente e clara da sua escrita.”<sup>11</sup>. Quanto ao artigo vindo a lume n’*O Primeiro de Janeiro* em 1911 (vd. *Apêndice*), ele é, não obstante o título de carácter geral “Ensino Secundário do Sexo Feminino”, exclusivamente dedicado ao ensino da língua e literatura alemã que a viúva de Rodrigues de Freitas vinha exercendo nesses últimos quinze anos (desde 1896, data da morte do marido) na sua própria casa da Rua do Sol, numa salinha de estudo que Carolina evoca como “recinto consagrado, verdadeiro jardim florido, ao qual se liga a inolvidável lembrança do dia em que o povo o invadiu para silenciosamente prestar a última homenagem de respeito ao carácter íntegro do homem de bem que fora o primeiro e mais nobre representante republicano da cidade do Porto” (12). Efectivamente, passado algum tempo após a morte de Rodrigues de Freitas, Ana Luísa resolve — muito possivelmente incitada pela própria Carolina — retomar a actividade de professora que já em solteira exercera na urbe portuense, voltando a aplicar os vastos conhecimentos de línguas e literaturas modernas que possuía na leccionação particular de meninas da burguesia, as quais naquela altura não tinham a possibilidade, nem a iriam ter tão cedo, de frequentar um liceu feminino onde tal ensino fosse ministrado. Recorde-se aqui que apesar da existência de uma lei datada de 1888, que promulgava a criação de instituições de ensino secundário para o sexo feminino, só em 1906 começa a funcionar em Lisboa o primeiro liceu feminino português, o Liceu Maria Pia. E apenas em 1914 se criam secções femininas junto do Liceu Central do Porto e do de Coimbra<sup>13</sup>. Nessa época, portanto, nem existiam escolas secundárias

femininas públicas no Porto, nem a mentalidade de grande parte das famílias da burguesia portuense estava preparada para inscrever as filhas nesse tipo de instituições.

Das páginas escritas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos para *O Primeiro de Janeiro* ficamos a saber que as lições regulares de língua e/ou de literatura alemã decorriam uma ou duas vezes por semana, abrangendo meninas de vários graus etários e algumas senhoras já casadas, e combinando muitas vezes o estudo da literatura alemã com o da literatura francesa ou inglesa, ou seja, oferecendo já naquela altura às alunas autênticas lições de literatura comparada. Para além disso, Ana Luísa de Freitas recebia todas as sextas-feiras em sua casa as discípulas e ex-discípulas, constituindo essas reuniões — em que se discutiam, sempre utilizando a língua alemã, os trabalhos realizados pelas alunas ou as leituras que na ocasião as ocupavam — um autêntico cenáculo literário-linguístico, um tempo de elevado convívio espiritual, que terminava invariavelmente por um requintado lanche preparado pela anfitriã e mestra. É a uma dessas reuniões semanais que Carolina Michaëlis vem assistir (como, aliás, já o fizera anteriormente em 1898 e em 1903), aproveitando desta vez a visita para dar testemunho público, no jornal portuense, da actividade pedagógico-cultural da amiga. Registe-se aqui que, através do seu relato, o leitor não só toma conhecimento de alguns dos autores e obras das literaturas estrangeiras (especialmente da literatura alemã) tratados por Ana Luísa nas lições teóricas e práticas dos cursos mais adiantados e lidos pelas alunas com grande interesse e entusiasmo (Goethe, *Italianische Reise*, Schiller, *Die Jungfrau von Orleans*, Heine, *Buch der Lieder* e *Harzreise*, Nietzsche, *Also sprach Zarathustra* e *Jenseits von Gut und Böse*, Chateaubriand, Flaubert, Anatole France e Oscar Wilde), mas também fica a saber os nomes de muitas discípulas (Hilda Seguíer Sarsfield, Beatriz Megre, Maria Amélia e Albertina Chambers de Sousa, Felicidade e Ismália Moreira de Sá, Zaira e Orízia Carneiro, Maria Helena e Maria Gardina Andresen, Raquel da Cunha, Maria Isabel Bramão, Anita Fiorentini e Maria de Castro Henriques, todas elas pertencentes, segundo julgo, à média e alta burguesia portuense); são-lhe também dadas informações — que lhe permitem avaliar a irradiação daquele centro cultural — sobre as tarefas com que a maioria das antigas discípulas se deparou na família, e em que elas souberam fazer render a formação intelectual e moral recebida, ou sobre os casos, mais raros, daquelas que, seguindo o exemplo da mestra, se tornam professoras do ensino particular, “rompendo” — no dizer da própria Carolina — “com o tradicional dogma rotineiro que a menina portuguesa não tem solidez e soberania de carácter, nem disciplina moral e mental suficiente para ensinar metodicamente como as estrangeiras; e para ir onde quer desacompanhada, responsável pelos seus actos”; em grande parte do artigo o leitor é ainda esclare-

cido sobre os interesses pedagógicos, literários e culturais e os planos futuros de trabalho das que frequentavam as lições nesse ano de 1911. Assim, refere-se que algumas delas já haviam transmitido ou iam transmitindo o que aprenderam a irmãs mais novas ou mesmo a parentes do sexo masculino e que outras empregavam as suas mesadas na aquisição de uma biblioteca escolhida de obras de valor, em português, francês e alemão. As mais avançadas, as que já tinham feito os seus exames finais de curso (quer isto dizer que se tinham apresentado a exame como alunas externas nos liceus públicos?) dedicavam-se agora, sob a orientação de Ana Luísa de Freitas, a estudos especiais superiores, escolhendo de preferência temas éticos e de filosofia moral. Como exemplo, citam-se os nomes de Anita Fiorentini e de Maria Henriques, empenhadas em aprofundar a leitura de textos de Nietzsche, e de Maria Isabel Bramão, que se preparava para investigações de carácter pedagógico, alicerçada nas leituras de Herberto Spencer e Gustavo Le Bon que fizera com a professora. É-nos ainda dito que muitas das discípulas se dedicavam a verter para português obras, quer em verso quer em prosa, de consagrados autores alemães. Esta actividade translatória constitui de facto um dos resultados mais notórios do cenáculo de Ana Luísa Rodrigues de Freitas <sup>14</sup>. Anita Fiorentini publicará na revista *A Águia* de final dos anos 20 algumas traduções de poemas da colectânea *Die Nordsee* de Heinrich Heine <sup>15</sup> e Maria Henriques Osswald, que já durante o tempo de aprendizagem enchia cadernos e cadernos com versões em prosa e em verso de autores alemães, distinguir-se-á mais tarde como tradutora literária.

No final do artigo, Carolina Michaëlis — ao mesmo tempo que exalta as qualidades intelectuais e pedagógicas da amiga — não perde a oportunidade para lamentar o atraso em que se encontra o país no tocante à educação feminina: “Ainda assim voltei triste ao meu gabinete de estudo — porque no caminho me lembrei dos grandes serviços que a esposa de Rodrigues de Freitas poderia ter prestado em vinte e cinco anos de propaganda se a lei de 1888 sobre os Institutos de ensino secundário para o sexo feminino (a criar em Lisboa, Coimbra e no Porto) não tivesse ficado letra morta, no papel, como tantas outras, de utilidade geral; se ela, secundada por outras capacidades que então se destacavam, houvesse combatido eficazmente, na arena mais vasta do Liceu público, o execrando *talent de rien faire*, de mais de metade da nação, o qual o esposo ironizava a miúdo com aquele sorriso bondoso que o caracterizava.

Em casa reli nas *Páginas avulsas* o belo artigo que naquela ocasião ele dedicou à missão da mulher e ao ensino secundário <sup>16</sup>. E concluí que sem dúvida fora inspirado pela luminosa individualidade feminina que presidia ao seu lar.” <sup>17</sup>

O escrito de Carolina Michaëlis de Vasconcelos dedicado a Ana Luísa Rodrigues de Freitas e ao seu círculo de discípulas procura fazer sair um pouco da sombra uma figura que terá sido tão luminosa para todos os que com ela privaram. Após o seu falecimento, ocorrido a 14 de Outubro de 1919<sup>18</sup>, temos de esperar longo tempo até surgir novo testemunho. Deve-se ele à discípula predilecta, Maria de Castro Henriques, que, pelo casamento com Ernest Osswald, cidadão alemão residente no Porto, passara a chamar-se Maria Henriques Osswald; é com esse nome que assina um curto esboço biográfico em homenagem a Ana Luísa de Freitas, publicado em Novembro de 1955 na revista *O Tripeiro*<sup>19</sup>. Para além de afirmar reiteradamente o elevado nível cultural, a sensibilidade artística invulgar e os dons pedagógicos da viúva de Rodrigues de Freitas, o referido artigo de *O Tripeiro* exprime, no estilo simples mas exaltante muito peculiar da autora, a grande admiração, diríamos melhor, a devoção que Maria Osswald sentia pela antiga mestra e amiga, que não hesita em colocar, pela inteligência e cultura, ao mesmo nível de Carolina Michaëlis. Passo a citar: “Ana Luísa era extraordinariamente culta, preciosamente inteligente. Todas as qualidades que mais podem iluminar um vulto feminino, ela as teve. Amiga íntima de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, o intercâmbio de ideias entre as duas mantinha-se em altura, capaz de honrar uma época, vincando bem valores em equilíbrio delicioso. (...) Os diálogos destas duas mulheres, damas no significado máximo da palavra, se infelizmente não ficaram gravados como os de Goethe e o seu genial ouvinte, não se perderam, integraram-se por assim dizer na vida intelectual da cidade do Porto, actuaram à sua maneira, criaram admiração, adubo de mais espantosos resultados, o adubo que nunca se perde.”<sup>20</sup>.

A actividade profissional da própria Maria Henriques Osswald como escritora, como tradutora de obras célebres de autores ingleses, franceses e sobretudo alemães (Goethe, E. T. A. Hoffmann, Ludwig Tieck, Stefan Zweig, Thomas Mann), como professora particular de língua e literatura alemã, tanto para o ensino secundário como para o universitário<sup>21</sup>, é aliás a melhor prova dos frutos colhidos nas lições da mulher e professora que tanto admirava, e também no convívio com um círculo privilegiado de cultura germânica que a mestra soubera formar, mantendo um contacto vivo e regular com as antigas discípulas.

É tempo de pôr ponto final a estas notas que coligi sobre a figura esquecida de Ana Luísa Altmann Rodrigues de Freitas. Embora incompletas, julgo que elas constituem uma achega válida para uma história mais vasta, ainda por escrever, a do ensino particular feminino no Porto durante a segunda metade do século XIX e o primeiro quartel do século XX.

NOTAS

1. Cf. e. g., Rodrigues de Freitas, *Discurso Parlamentar sobre a Instrução Pública*, Porto, Imprensa Comercial, 1879.
2. Cf. e. g., Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "A cartilha portuguesa e em especial a do Sr. João de Deus", *O Ensino I* (Porto, 1877), n.º 2, 9-15; n.º 3, 17-19; n.º 5, 33-39 vs, e Rodrigues de Freitas, "Instrução Pública I, II, III", *O Comércio do Porto*, 22/08/1879, 30/08/1879, 11/09/1879 (J. J. Rodrigues de Freitas, *Novas Páginas Avulsas*, Recolha e introdução de Jorge Fernandes Alves, Porto, Fundação António de Almeida, 1996, p. 89-100).
3. Cf. Joaquim Ferreira Gomes, *A Educação Infantil em Portugal*, Coimbra, Livraria Almedina, 1977, p. 43-47.
4. Cf. *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, Apêndice ao vol.II, 1882, p. 2-10. Neste sentido, leia-se J. Ferreira Gomes, *op. cit.*, p. 46-47.
5. Cf. J. J. Rodrigues de Freitas, *Frederico Froebel*, Porto, Sociedade de Instrução-Editora, 1882.
6. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "Preâmbulo", in: José Joaquim Rodrigues de Freitas, *Páginas Avulsas*, Porto, Livraria Chardron, 1906, p. XIV.
7. Cf. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Das Origens da Poesia Peninsular*, Estudo seguido de quarenta e sete cartas dirigidas a Alfredo Pimenta, Lisboa, Edição de José Fernandes Júnior, 1931, p. 37-38.
8. Cf. Sampaio Bruno, *Os Modernos Publicistas Portugueses*, Porto, Livraria Chardron, 1987, p. 291.
9. Cf. J. J. Rodrigues de Freitas, *Princípios de Economia Política*, Porto, Livraria Universal, 1883, e. g., p. 313, p. 340.
10. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "Preâmbulo", in: José Joaquim Rodrigues de Freitas, *Páginas Avulsas*, p. XII-XIII.
11. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "Prefácio da terceira edição", in: José Prévot, *Nova Gramática Alemã*, Quinta edição, corrigida e aumentada por Luísa Ey e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Heidelberg, Julius Groos, 1928, p. VI.
12. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "Ensino Secundário do Sexo Feminino", in *O Primeiro de Janeiro*, 15 de Abril de 1911.
13. Cf. Cristina Rocha, "Contribuição do Ensino Secundário Liceal Feminino para um modelo de educação pública da mulher - 1888-1940", in *Ciências da Educação em Portugal - Situação Actual e Perspectivas*, Porto, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1991, p. 221-228.
14. Num artigo necrológico sobre Ana Luísa Rodrigues de Freitas, vindo a lume no jornal *O Debate*, em 15 de Outubro de 1919, declara-se ter sido ela a tradutora dos últimos volumes da *História de Portugal*, de H. Schäfer, publicada por Sampaio Bruno.



15. "Interrogação" e "Nocturno na Praia" (de Heine - *Mar do Norte*). Tradução de vs Fiorentini Martins, in *A Águia*, vol. I, 4ª série, nº 1 e 2, Janeiro a Abril de 1928, p. 19-20, e nº 3, Maio e Junho de 1928, p. 75-78.
16. Trata-se de um escrito de 1888, intitulado "A missão da mulher e os institutos de ensino secundário", no qual Rodrigues de Freitas expõe, com grande tacto e equilíbrio, os benefícios que poderiam resultar da criação do ensino secundário feminino (cf. J. J. R. F., *Páginas Avulsas*, p. 259-275).
17. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "Ensino Secundário do Sexo Feminino", in *O Primeiro de Janeiro*, 15 de Abril de 1911.
18. Na certidão de narrativa de registo de óbito, emitida pelo Arquivo Central do Porto, para além da data do falecimento acima mencionada, é atribuída à viúva de José Joaquim Rodrigues de Freitas a idade de 73 anos. Nos artigos necrológicos que consultámos da imprensa diária do Porto (*O Comércio do Porto*, *O Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Notícias*, *O Norte*, *A Montanha*, *O Debate*), ao mesmo tempo que se refere o culto que Ana Luísa de Freitas devotava à memória do marido, nomeadamente a romagem quotidiana ao túmulo em que este estava sepultado no cemitério do Prado do Repouso, elogia-se sempre a sua acção como professora de línguas e a sua vasta cultura.
19. Maria Henriques Osswald, "Ana Luísa Rodrigues de Freitas", in *O Tripeiro*, V Série, Ano XI, n.º 7, Novembro de 1955, p. 197-199. Mais tarde, em 1965, no romance de feição autobiográfica *A Mãe. Crónica de uma Família de Há Cinquenta Anos* (Porto, Edições Salesianas, s/d), Maria Osswald apresentará uma versão um pouco modificada da vida de Ana Luísa R. de Freitas, em que dados reais se misturam com elementos de acentuado carácter ficcional.
20. *Idem*, art. cit., p. 198.
21. Sobre a vida e a obra de Maria Henriques Osswald, leia-se: Manuela Campos Monteiro, "Quase um Conto de Natal- Maria Osswald, Mestra, Escritora e Mulher", in *O Tripeiro*, Série Nova, Ano VIII, Nº 11/12, Novembro/Dezembro de 1989, p. 362-368, e Luísa Dacosta, "Prefácio", in: Maria Henriques Osswald, *Antologia e Retrato de uma Pioneira*, Porto, Porto Editora, Lda, 1993, p. 3-8.

## APÊNDICE

### Ensino Secundário do Sexo Feminino\*

No último dia do mês passado - termo final do semestre de Inverno - fui chamada para assistir a duas festas escolares. Como infelizmente coincidissem, não pude tomar parte na do Colégio Alemão, celebrada no Salão Nobre do Clube da Colónia, conforme prometera ao prestantíssimo director, Dr. Alexander Geis.

Acedi à outra, muito mais íntima, realizada na residência de D. Ana Luísa Altmann Rodrigues de Freitas, na salinha de estudo onde ela costuma receber todas as sextas-feiras as suas discípulas e ex-discípulas, a fim de trocar com elas impressões acerca dos acontecimentos da semana, os trabalhos de que se ocuparam, e os livros que leram, dando-lhes novas directivas, o que sempre representa um bom exercício de conversação alemã.

---

\* *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 15 de Abril de 1911

De propósito entrei cedo nesse recinto consagrado, verdadeiro jardim florido, ao qual se liga a inolvidável lembrança do dia em que o povo o invadiu para silenciosamente prestar a última homenagem de respeito ao carácter íntegro do homem de bem que fora o primeiro e mais nobre representante republicano da cidade do Porto.

Meu fim era tomar alguns apontamentos a respeito de diversas senhoras e meninas que actualmente estudam a língua de Goethe e que provavelmente apareceriam, porque, afeiçoada a várias já de longa data, nunca me avistara com outras. Mas como eu perguntasse logo ao princípio quantas seriam por junto as que até hoje lucraram com as excelentes lições teóricas e práticas de D. Luísa, durante os quinze anos de solidão em que ela se dedicou ao ensino secundário, sem nunca se subtrair a essa nobre missão, nem mesmo em férias estivais de repouso - ela que julgava que as suas forças(ou fraquezas) físicas e psíquicas não resistiriam ao abalo sofrido, nem às exigências do ofício - , a nossa conversa restringiu-se a uma breve resenha de nomes, rememoração de factos, e datas, e afectuosa lembrança das ausentes.

Em primeiro lugar saudámos, comovidas, as que a sorte avara cortou antes de tempo (D. Berta de Albuquerque, D. Amélia Tasso, D. Doroteia Pinto Leite, D. Maria Olímpia e Alice Macambira), sem esquecermos o filho mais novo do sr. Ireneu Pais; e constatámos com justo e piedoso orgulho quanto o trato íntimo com espíritos superiormente bons da nossa nação as havia consolado, avigorando-lhes a alma e o intellecto. Falámos das que casaram e se esforçam agora a cumprir bem os seus múltiplos deveres familiares como esposas, donas de casa, enfermeiras na ocasião, mães e educadoras solícitas dos filhinhos que criaram, e aos quais tentam incutir desde o berço costumes sãos, amor do trabalho e mais princípios éticos, que, semeados nas almas infantis, hão-de frutificar na idade madura. Mencionámos D. Beatriz Megre e sua irmã D. Laura, D. Amanda Dubini, D. Maria Arcelina Moreira Pais, D. Adelaide de Sousa Chambers, D. Maria Adelaide Barbosa Martins, D. Leonilda Moreira de Sá (com muito pesar pelo triste acidente de outro dia) e D. Hilda Lamarão Seguíer Sarsfield, que já pensa em chamar para o seio da família uma Jardineira profissional de Hamburgo, não para se subtrair às suas obrigações, mas para acostumar a filha cedo à boa higiene do corpo e da alma, que emana dos exercícios Froebelianos assim como da poesia e do canto infantil germânico. Falámos também das que, ainda solteiras, têm ocasião de cultivar os seus talentos (como D. Felicidade e Ismália Moreira de Sá), ou de alargarem o seu horizonte, ocupando-se de artes, letras e ciências em viagens repetidas ao estrangeiro (como D. Guilhermina Velloso). Referimo-nos com carinho a D. Raquel da Cunha, que se dedicou ao magistério, como professora particular, rompendo - frágil de corpo mas forte de espírito - com o tradicional dogma rotineiro que a menina portuguesa não tem solidez e soberania de carácter, nem disciplina moral e mental suficiente para ensinar metodicamente como as estrangeiras; e para ir onde quer desacompanhada, responsável pelos seus actos.

Passáramos a constituir a lista das que, sem serem profissionais, já haviam transmitido ou iam transmitindo o que aprenderam a irmãs mais novas (como D. Beatriz Megre e D. Maria Henriques), ou mesmo a parentes do sexo forte (como D. Zaira Carneiro), não desdenhando o dever social de ensinar o *abc* a serviçais analfabetas. E principiámos a elaborar também o rol, ainda curto, das que nacionalizaram prosas e versos de engenhos de fama universal, ou estilizaram pequenos ensaios da sua lavra sobre problemas sociais, quando as visitantes começaram a entrar, duas a duas, ou três a três.

Claro que então conversei com cada uma, à medida que minha amiga mas apresentava. Recebendo um telegrama, avisou-me de que três senhoras ilustradas, que dispõem de um pecúlio considerável de noções de artes, letras e ciências, não poderiam comparecer, retidas em casa por ocupações domésticas ou impedidas por doença. Só ouvi que D. Vitória Rodrigues de Oliveira e suas cunhadas D. Aurora Coelho de Oliveira e Sara Braga de Oliveira fizeram progressos rápidos, em virtude da energia da sua vontade e grande paixão de saber.

As mais avançadas, que já terminaram o seu curso há anos, dedicam-se agora a estudos especiais superiores. Conquanto naturalmente não lhes repugne de modo algum a leitura de romances, novelas, dramas, poesias de verdadeiros mestres, nem tão pouco de diários políticos e ilustrados, meditam de preferência sobre temas éticos e de filosofia moral.

Tanto Anita Fiorentini como Maria Henriques internaram-se na floresta mágica das ideias de Nietzsche, cujo estilo originalíssimo - produto maravilhoso de germens bíblicos, helénicos,

românticos, goethianos, heinianos e wagnerianos - não pode ser traduzido sem que se lhe roube o quente e doce ritmo ondulatório e musical que o distingue entre todos.

Anita lê *Jenseits von Gut und Böse - Au delà du Bien et du Mal* - e exulta com a guerra sem mercê que o evangelista do *Supra-homem* promove impiedosamente a todas as mentiras, todas as ocas exterioridades, todos os dogmas ossificados do cristianismo oficial, tão afastado da sua pureza originária.

Maria encontra no *Zarathustra (Also sprach Zarathustra)* fontes de nobre entusiasmo. Os seus olhos grandes e profundos dilatam-se com prazer quando cita textualmente os trechos que mais a impressionaram, contando-me como cada manhã, ao acordar, preliba as sensações que lhe há-de proporcionar o empolgante *pathos* dos sublimados *Sermões da Montanha* do poeta-profeta, dos seus ditirambos sobre o amor, ou das suas visões relativas à educação futura da mocidade, peripateticamente, em belos claustros ou no meio de florestas sombrias, à maneira de Aristóteles, Platão e Sócrates.

Ambas acolheram com curiosidade a notícia que o vocábulo *Übermensch* saiu da forja sempre acesa de Goethe, sendo aplicado ironicamente por Melistóteles ao *Fausto* da Segunda Parte. Olham com doloroso espanto para mim quando tento preveni-las contra o que há de mórbido, perigoso, excessivo, quase demoníaco, em certas teorias e hostilidades do último tempo do infeliz pensador, com o fim, bem se vê, de as incitar ao livre-exame e crítica judiciosa dos seus magníficos aforismos. Mas ficaram outras vez contentes com a minha promessa de lhes obter a obra póstuma do que depois de Goethe seja talvez o maior dos nossos poetas - o volume *Ecce Homo*, cujas edições se esgotaram com tanta rapidez que ainda não consegui ver um exemplar.

Maria Isabel Bramão, cuja fisionomia francamente alegre contrasta com a seriedade do seu pensar e dos seus planos de estudo, e com a originalidade da sua escrita, prepara-se já para investigações pedagógicas com a leitura ponderada de Herberto Spencer e Gustavo Le Bon, embora o tempo de aprendizagem ainda não acabasse para ela. Escutando com vivo interesse o que eu lhe dizia da pedagogia moderna, da *Jugendlehre* de Frederico Guilherme Förster (professor eminente de Zürich) e das tendências humanas da *Sittentehre* de A. Döring (pai de D. Margarida Burmester), da revista quinzenal publicada pela Sociedade de Cultura Ética, e sobretudo do Suplemento infantil *Kinderland*, que é distribuído de mês em mês, ela despertou em mim, pelas suas observações inteligentes, a esperança que no futuro possa tomar parte activa na elaboração e propagação do *Catecismo Moral e de Deveres Sociais* que tão preciso é entregar à juventude portuguesa.

O maior prazer das irmãs D. Zaira e D. Orfiza Carneiro é a leitura. Ambas empregam as suas mesadas em juntar uma pequena biblioteca selecta, de obras de valor, em português, francês e alemão, obras que não folheiam apenas, superficialmente, mas antes se apropriam com curiosidade inteligente e sobre as quais discursam com acerto e finura - qualidades realçadas pela sua modéstia e singeleza. Ultimamente haviam lido em alemão o *Esposo Ideal* de Oscar Wilde, e em francês as obras principais de Flaubert e Anatole France. Já disse que D. Zaira, que tenta transpor o *Buch der Lieder* de Heine em verso português, ensina alemão a um seu tio, reconhecendo quão útil é a obrigação de expor regras, juntar exemplos, corrigir pronúncias más e emendar erros gramaticais e estilísticos.

Cármen Machado Pereira, que só há meses entrou nos conciliábulos da Rua do Sol, foi preparada praticamente em casa, desde os dez ou doze anos, com zelo e cuidado. Ambiciosa agora cimentar os seus conhecimentos com uma sólida base gramatical e por leituras clássicas modernas até formar ideia completa da evolução da literatura alemã. Lê e verte para francês a *Jeanne d'Arc (Die Jungfrau)* de Schiller, que a mestra comenta amplamente quanto aos problemas de poesia, crítica e história, baseando-se na magistral exposição do trágico processo que devemos a Anatole France.

Maria Helena e Maria Gardina Andresen, predispostas pelas suas origens, também preparadas cedo em casa, haviam chegado em dois anos de leccionação de D. Luísa a fazer um brilhante exame final, traduzindo igualmente trechos da *Jeanne d'Arc*, da *Viagem à Itália* de Goethe, e da *Excursão ao Harz*, de Heine, o elegantíssimo poeta, de tão suave e tão mordaz ironia. E depois de haverem completado a sua educação na Inglaterra tornaram novamente, com muito prazer e notável proveito, às reuniões semanais em casa da mestra querida. Naturalmente são elas que pronunciam e conversam com pronúncia mais idiomática e grande facilidade.

Maria Amélia Chambers de Sousa e sua irmã Albertina, ambas muito novas ainda, mas muito prometedoras, aprendem com afinco e submetem-se com inteligência ao preceito de sempre praticarem em casa, onde outras pequenas têm Fräulein alemã. Já lêem histórias como a *Rosa von Tonnenburg* de Christoph von Schmidt, e breve passarão ao *Pequeno Lord Fauntleroy*, com que se deleita agora D. Margarida Henriques, irmã de D. Maria e ensinada por ela, livrinho modelar que encanta todas as crianças na Alemanha, Inglaterra e América. Nos seus estudos de francês chegou a traduzir passos de Souvestre, Chateaubriand e o *Tour de France* de G. Bruno.

Finalmente tive o gosto de conversar com um grupo *sui generis*, gentilíssimo e entemedor: mãe e filhinha, como boas camaradas de estudo, comungando nos mesmos ideais de ordem, aplicação e briosa energia moral, ambas risonhas e radiantes de satisfação íntima.

Maria Helena Pacheco - pois é dela que trato - , a primeira pequenita de 8 a 9 anos de que D. Luísa se encarregou (desde Outubro passado), recitou-me com graça e ingenuidade, em alemão impecável e sem a abreviar, uma extensa fábula em estilo infantil - a do cordeiro inocente e do malvado do lobo -, respondendo em seguida a perguntas singelas, quer independentes, quer relativas aos metódicos *Quadros* de Delmas. Vi depois o seu caderno de caligrafia gótica - cópia e ditado - de asseio e firmeza tal que fiquei surpreendida, apesar de já conhecer o esmero a que D. Luísa habitua as suas alunas, também nessa parte do ensino.

Em seis meses, com uma só lição semanal de duas horas, uma criança da sua idade - muito inteligente embora e já com o exame de instrução primária feito - não teria progredido tanto se a mãe, D. Maria Beatriz, não a houvesse acompanhado no estudo da nossa língua, cujas declinações, conjugações, etc., são difíceis para todos os neo-latinos, quanto mais para adultos preocupados com mil e mil afazeres e cuidados caseiros e pessoais. A fim de poder vigiar e impulsionar em casa os trabalhos da filha, em que se revê como num espelho, dedica algumas horas do dia - quando a faina do dia cede o lugar ao plácido sossego e recolhimento da noite - às lições prescritas, aprendendo alemão com admirável persistência, para sempre servir de modelo à pequena Maria Helena, mesmo quanto à beleza da caligrafia. Claro que foi ela que interrogou a pequenita, cuja vontade de saber é estimulada constantemente por esta santa emulação.

Sai dessa reunião com ótimas impressões - depois de um apetitoso *goûter*, como os que minha amiga sabe preparar, durante o qual se conversou naturalmente de receitas de cozinha, e de economia doméstica em geral. Sai convencida (como em 1898 e 1903) da benéfica influência que D. Luísa exerce no espírito das discípulas, pelo exemplo, pela doutrinação e pelas leituras que lhes sugere, hasteando alto a bandeira com a divisa *Excelsior!* Convencida também de que nenhuma das meninas e senhoras com que eu falara se transformou, ou transformará ainda, em sabichona (*bas-bleu*), insuportável de orgulho, ridícula de vaidade, empertigada, sem verdadeiros encantos feminis.

Ainda assim voltei triste ao meu gabinete de estudo - porque no caminho me lembrei dos grandes serviços que a esposa de Rodrigues de Freitas poderia ter prestado em vinte e cinco anos de propaganda se a lei de 1888 sobre os Institutos de ensino secundário para o sexo feminino (a criar em Lisboa, Coimbra e no Porto) não tivesse ficado letra morta, no papel, como tantas outras, de utilidade geral; se ela, secundada por outras capacidades que então se destacavam, houvesse combatido eficazmente, na arena mais vasta do Liceu público, o execrando *talent de rien faire*, de mais de metade da nação, o qual o esposo ironizava a miúdo com aquele sorriso bondoso que o caracterizava.

Em casa reli nas *Páginas avulsas* o belo artigo que naquela ocasião ele dedicou à missão da mulher e ao ensino secundário. E concluí que sem dúvida fora inspirado pela luminosa individualidade feminina que presidia ao seu lar.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos  
Porto, 10 de Abril de 1911